

Cracolândia e aporofobia: uma análise semiolinguística de publicações do padre Júlio Lancellotti sobre a Cracolândia no *Instagram*

Cracolândia and aporophobia: a semiolinguistic analysis of publications by Padre Júlio Lancellotti about Cracolândia on *Instagram*

Mônica Melo³⁰

João Vítor Ferreira Rivelli³¹

Resumo: Este trabalho analisa discursivamente publicações do padre Júlio Lancellotti sobre a Cracolândia paulistana no *Instagram* no primeiro semestre de 2022, período em que ocorrem operações policiais e movimentação dos frequentadores da Cracolândia entre a rua Helvétia e a Praça Princesa Isabel. A princípio, resumimos a história da Cracolândia e a realidade dos seus frequentadores. Em seguida, descrevemos e analisamos as postagens, com base na Teoria Semiolinguística de Charaudeau (2019). Constatamos que as descrições apresentam uma dimensão argumentativa, funcionando como denúncias que visam provocar mobilização da população e ação das autoridades, a partir da construção de imaginários sociodiscursivos das autoridades e dos frequentadores da Cracolândia.

Palavras-Chave: Redes sociais. Cracolândia. Aporofobia. Discurso.

ABSTRACT: This paper discursively analyzes publications by Father Júlio Lancellotti about Cracolândia São Paulo on *Instagram* in the first half of 2022, a period in which police operations and movements of Cracolândia visitors take place between Rua Helvétia and Praça Princesa Isabel. At first, we summarize the history of Cracolândia and the reality of its visitors. Then, we describe and analyze the posts, based on Charaudeau's Semiolinguistic Theory (2019). We found that the descriptions have an argumentative dimension, functioning as complaints that aim to provoke mobilization of the population and action by the authorities based on the construction of socio-discursive imaginaries of the authorities and visitors to Cracolândia.

Keywords: Social networks. Cracolândia. Aporophobia. Discourse.

³⁰ Possui Licenciatura Em Letras pela Universidade Federal de Viçosa (1987), Mestrado em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (1991), Doutorado em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (2003) e Pós-Doutorado em Estudos Linguísticos (2011). Atualmente é Professora Titular da Universidade Federal de Viçosa, onde atua na Graduação e no Programa de Pós-Graduação em Letras. Tem experiência na área de Linguística, atuando principalmente nos seguintes temas: discurso (religioso, político e midiático), argumentação, semiolinguística e mídia. Atuou, de 2013 a 2015, como Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Viçosa. É Bolsista Produtividade em Pesquisa do CNPq.

³¹Graduando em Letras na Universidade Federal de Viçosa.

INTRODUÇÃO

A região conhecida como Cracolândia paulistana é alvo de posicionamentos muito diversos: por um lado desperta o preconceito, intolerância e a aversão de expressiva parcela da população e, por outro, aflora a sensibilidade, compaixão e uma busca de políticas públicas de acolhimento em relação às pessoas que frequentam aquele local. É esta a posição do padre Júlio Lancellotti que, através de seu *Instagram*, relata as operações que ocorrem no local e o dia-a-dia das pessoas que ali se encontram. Desse modo, seja pelo sentimento de aversão ou de compaixão, a região é encarada como um problema social a ser solucionado, e as ações do poder público implementadas ao longo do tempo não foram capazes de trazer essa solução.

A Cracolândia não é uma região fixa, que possa ser totalmente delimitada, visto que, diante de ações policiais que ocorrem no local, as pessoas que ali frequentam transitam entre diferentes ambientes. Esse movimento já foi observado por uma pesquisa sobre o perfil de frequentadores da Cracolândia realizada pela Secretaria de Desenvolvimento Social Estado de São Paulo (MADRUGA, 2017). Além de um deslocamento entre ruas próximas, há uma oscilação numérica que indica um movimento de saída e retorno dessas pessoas. A pesquisa realizou uma contagem entre o período de 2016 e 2019 e, a partir dela, se observou que em 2016 havia em média 709.3 frequentadores; em 2017-1 já eram 1861, diminuindo mais uma vez em 2017-2 para 414 e aumentado para 1680 em 2019 (UNIAD, 2020, s.p.).

O motivo da alteração desses números é descrito pela mesma pesquisa, que indica que os momentos de expressiva diminuição de pessoas ocorreram depois de grandes operações policiais. Porém, embora em certos momentos se visualize uma aparente diminuição, o número real de pessoas não se alterou tanto, visto que após as operações policiais há um retorno das pessoas ao local.

Os dados que analisamos em nossa pesquisa se situam em um recorte temporal que vai justamente de um período que se inicia com uma movimentação dos frequentadores da Cracolândia paulistana da rua Helvétia para a Praça Princesa Isabel até o momento em que as pessoas retornam ao local em que estavam, movimento que ocorre no primeiro semestre de 2022. Devido a uma pressão policial ordenada pelo poder público, representado nesse momento pelo prefeito Ricardo Nunes, houve essa

movimentação, o que gerou grande repercussão nas mídias tradicionais. Isso também representou um debate nas redes sociais, incluindo um aumento significativo de publicações do padre Júlio Lancellotti, padre católico dedicado ao atendimento às populações vulneráveis da cidade de São Paulo, no *Instagram*. Em tom de denúncia, o padre fez postagens que mostram o momento em que ocorrem essas operações e também o dia adia dessas pessoas entre uma ação policial e outra. Nessas postagens, a pressão policial é retratada em diferentes momentos, configurando-se como recorrência de uma situação já observada historicamente na capital paulista: um espalhamento dos frequentadores da Cracolândia que não resulta em diminuição real dessas pessoas nas ruas.

O foco desse artigo é analisar as publicações do padre Júlio Lancellotti relacionadas à Cracolândia, no *Instagram*, num dos períodos de operações mais intensas visando o esvaziamento da região: o primeiro semestre de 2022. Analisaremos as estratégias empregadas e os imaginários construídos no ambiente das redes sociais pelo padre Júlio Lancellotti, figura pública que atua como um influenciador de parcela significativa da população brasileira.

Além de apresentar uma breve visão social e histórica da Cracolândia e contextualizar a atuação do padre na rede social *Instagram*, faremos uma análise discursiva das publicações com maior repercussão no primeiro semestre de 2022, utilizando a Teoria Semiológica do Charaudeau (2008) como principal aparato teórico.

BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO SOBRE A ORIGEM DA CRACOLÂNDIA PAULISTANA

A cidade de São Paulo passou por um forte processo de industrialização ao longo do tempo, o que a tornou alvo de diversas migrações, uma movimentação que Santos (2018) observa estar atrelada ao surgimento da Cracolândia. Assim, há historicamente um grande deslocamento para a cidade de pessoas buscando ter melhores condições de vida. Entretanto, dentro de uma lógica competitiva, não há espaço para todos e muitas dessas pessoas se concentraram nas periferias paulistanas. Esse cenário é assim colocado porque, de acordo com Santos (2018), na década de 1990, “as cidades passaram por uma reestruturação produtiva pertencente a uma lógica de competição entre os espaços urbanos

e as consequências são a redução da necessidade de mão-de-obra não qualificada, a expulsão de categorias humanas indesejáveis e a busca da migração de mão-de-obra qualificada” (SANTOS, 2018, p. 338). Neste contexto, o uso de drogas surge em decorrência de uma falta de políticas públicas, o que acentua a desigualdade social e, conseqüentemente, um sentimento de frustração. A conclusão do autor é que a utilização de drogas é uma consequência dessas frustrações, não a causa delas. Santos conclui: “São trajetórias marcadas pela violência, pelo racismo de raça e de classe, pelo abandono, tanto pela família como pelo Estado” (SANTOS, 2018, p.342).

Números mais recentes trazem um aprofundamento na análise do perfil dos usuários de drogas da Cracolândia, evidenciando a trajetória dessas pessoas: a maioria está em situação de rua; grande parte vivia anteriormente com familiares; a maioria nunca esteve nas ruas antes de usar drogas e quase metade dos entrevistados afirmam não ter com quem contar em situações de emergência. (MADRUGA, 2017)

É a partir da ótica de humanização e compreensão da vulnerabilidade social causada pelo abandono do Estado e da família que Lancellotti decide lançar luz à situação dessa população, abordando o tratamento que é dado a essas pessoas como um comportamento aporofóbico, conceito que será abordado ao final desse artigo.

AS REDES SOCIAIS COMO ESPAÇO DE ENGAJAMENTO: O *INSTAGRAM*

O *Instagram* é uma plataforma de interação on-line que compartilha características gerais das redes sociais, mas que também possui algumas especificidades. Recuero (2009) ressalta que

[...] a rede social é constituída de nós (ou nodos) que representam os atores sociais na estrutura. O nó pode representar tanto um indivíduo quanto uma categoria ou grupo. Assim, em um determinado estudo, os nós podem representar pessoas individuais e, em outro, grupos de pessoas. (RECUERO, 2009, p.23).

Segundo Recuero (2009, p.23), “tradicionalmente, na análise de redes, as conexões são representadas de modo numérico e direcional, indicando um valor que é relacionado ao ‘peso’ da conexão. Esse ‘peso’ pode dar pistas a respeito do tipo de conexão entre os vários nós da rede” (RECUERO, 2009, p.23). Neste quesito, a autora se refere ao nível de proximidade entre aqueles que estabelecem contato em uma rede social,

indicando que a relação entre os “nós” será diferente se ambas as partes possuírem uma amizade ou se não se conhecerem. Além disso, ainda que as partes analisadas não possuam uma proximidade pessoal – como é comum ocorrer quando um dos atores sociais seja uma figura famosa – é possível medir essas relações ao se considerar a recorrência e o nível das interações.

É comum nas redes sociais a recorrência de determinados discursos. Do ponto de vista do analista, observar tais padrões pode contribuir para a percepção do nível de proximidade dos “nós”, criando “laços” (GRANOVETTER, 1973). A noção de laço, de Granovetter (1973), é associada ao conceito de capital social. Essa noção remete a Bourdieu (1998) e se refere a resultados que o sujeito obtém ao longo da vida por meio das relações que estabelece. Para esse autor o capital social significa

[...] o conjunto dos recursos reais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de interreconhecimento mútuos, ou, em outros termos, à vinculação a um grupo, como o conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns (passíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros e por eles mesmos), mas também que são unidos por ligações permanentes e úteis. (BOURDIEU, 1998, p. 67).

Nas redes sociais, a obtenção desse capital social está associada à visibilidade e à repercussão das publicações. Esse engajamento pode ser medido pela quantidade de visualizações, compartilhamentos, *likes* e comentários que a postagem gera ou até mesmo pelo crescimento de seguidores que ela provoca. Isso implica no fato de que essa relação nas redes sociais pode constituir determinadas vantagens estruturais aos atores (informação, intimidade, reciprocidade etc.), que são formas de capital. (RECUERO, 2009) Assim, a informação, por exemplo, é um valor social. (RECUERO, 2009, p.26).

Assim como outras redes sociais conhecidas – *Facebook*, *Twitter*, *TikTok* – o *Instagram* possui valores quantitativos associados ao engajamento, medidos através de “curtidas”, comentários e compartilhamentos. Nesse sentido, alguns dos conceitos estabelecidos por Recuero se aplicam à sua análise: esta rede pode ser utilizada para propagar determinados discursos, produzindo capital social e, através do nível de interação, percebido por meio do engajamento numérico, há indícios sobre o “peso” que essa comunicação representa.

Para Piza (2012) a difusão de conteúdo do Instagram segue “a lógica do ver e ser visto” (p. 17). Para a autora “a base de relacionamentos do Instagram, característica comumente presente nas redes sociais da internet, se mantém em torno de ter amigos ou seguidores, ou seja, indivíduos que estão vinculados à conta de usuários, com o intuito de acompanhar continuamente as atualizações do outro na rede” (p. 11)

PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

UMA VISÃO GERAL DA TEORIA SEMIOLINGUÍSTICA DO DISCURSO

Nossa análise se pauta na Teoria Semiolingüística de Charaudeau (2019), segundo a qual os atos de linguagem sejam analisados a partir de um contexto, do qual participam um emissor em um receptor, dentro de uma encenação discursiva. Propõe que há uma dupla identidade dos participantes da interação, já que são vistos tanto como seres psicológicos e sociais quanto como personagens encenados por meio do discurso, pertencendo a um espaço externo, do fazer, e a um espaço interno, do dizer. Na instância de produção, há o “Eu-comunicante” que performa um “Eu-enunciador”. Já na instância de recepção, há um “Tu-destinatário” (alvo do comunicante), que pode ser diferente do “TU interpretante”, interlocutor real.

Os interlocutores estão submetidos a um “contrato comunicacional”, que atribui a cada um deles um papel linguageiro (CHARAUDEAU, 2019). Nesse contrato, o locutor está submetido a restrições ligadas à situação de comunicação, mas dispõe de estratégias, que são escolhas que o indivíduo faz dentro da encenação comunicativa para atender a suas finalidades. As estratégias podem ser organizadas em algumas categorias, associadas a quatro modos de organização do discurso: o enunciativo, o descritivo, o narrativo e o argumentativo.

O modo de organização enunciativo diz respeito aos protagonistas do ato de linguagem, indicando a posição que o enunciador ocupa na situação de comunicação. De acordo com Charaudeau (2019), o modo enunciativo está relacionado à forma como o sujeito se porta na encenação de comunicação, posicionando-se em relação ao interlocutor e ao que é dito. Dependendo da maneira como ele se porta, é possível categorizar esse modo em três tipos de comportamento: alocutivo, elocutivo e delocutivo. No

comportamento alocutivo o sujeito de fala busca estabelecer uma relação de influência com o interlocutor e atribui a ele e a si mesmo papéis linguageiros. Já no comportamento elocutivo, há a expressão de um ponto de vista, que pode ser especificado como modo de saber, avaliação, motivação, engajamento ou decisão. Por fim, no comportamento delocutivo o sujeito de fala assume um ponto de vista externo, de testemunha, e pode se referir a um texto ou algo do mundo sem que se insira nesse relato.

O modo de organização descritivo identifica, localiza e qualifica os seres (CHARAUDEAU, 2019, p. 111). Trata-se de um comportamento que “consiste em ver o mundo com um ‘olhar parado’ que faz existir os seres ao nomeá-los, localizá-los e atribuir-lhes qualidades que os singularizam”. Esse modo se compõe de três procedimentos: nomear, qualificar e localizar. Nomear um ser do mundo, de acordo com Charaudeau (2019, p.112), é o processo de fazer existir e classificar um ser. Localizar-situar é uma determinação do posicionamento de um ser no espaço e no tempo. Por fim, qualificar é atribuir aos seres características que os especificam, assumindo um ponto de vista objetivo ou subjetivo.

O modo de organização narrativo organiza o mundo numa sequência de ações que influenciam umas às outras. Em termos gerais, diz respeito às ações, processos e aos papéis assumidos pelos agentes e pacientes envolvidos.

O modo argumentativo (CHARAUDEAU, 2019, p. 206) tem finalidade persuasiva e visa a levar o interlocutor a partilhar determinado ponto de vista. Para o autor, a argumentação se contrói a partir de uma busca por racionalização e por uma relação de influência. A partir disso, há alguns requisitos básicos que o autor estabelece para que haja argumentação: uma proposta sobre o mundo, um sujeito que se engaje nessa proposta e um outro que seja alvo dessa argumentação. Assim, a relação de influência que o locutor estabelece é feita a partir de uma busca de racionalização e organização de seus saberes, responsáveis pela consolidação de determinados imaginários.

As estratégias associadas aos modos de organização do discurso são orientadoras na reprodução de imaginários sócio-discursivos. Para Charaudeau (2017):

O imaginário é uma forma de apreensão do mundo que nasce na mecânica das representações sociais, a qual, conforme dito, constrói a significação sobre os objetos do mundo, os fenômenos que se

produzem, os seres humanos e seus comportamentos, transformando a realidade em real significante. Ele resulta de um processo de simbolização do mundo de ordem afetivo-racional através da intersubjetividade das relações humanas, e se deposita na memória coletiva. Assim, o imaginário possui uma dupla função de criação de valores e de justificação da ação. (CHARAUDEAU, 2017, p. 578).

Nesse sentido, as estratégias por meio das quais os imaginários se consolidam podem exercer influência sobre a opinião e sobre a postura dos interlocutores. Portanto, para se compreender o modo pelo qual os imaginários se materializam no discurso, é importante analisar a sua organização, que se dá, segundo Charaudeau, por meio de procedimentos associados aos modos enunciativo, descritivo, narrativo e argumentativo, descritos, sucintamente, acima.

METODOLOGIA

Este artigo focaliza publicações a partir de uma teoria do discurso que, como tal, adota uma perspectiva qualitativa. Entendemos, a partir de Minayo (2001), que a pesquisa qualitativa “trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.” (MINAYO, 2001, p. 21-22)

Os textos analisados são de responsabilidade do padre Júlio Lancellotti, um dos principais agentes religiosos que denuncia em larga escala, nas suas redes sociais, a aporofobia, sendo, igualmente, uma figura representativa em um debate de imaginários sociais sobre a Cracolândia paulistana que visa transformações práticas, as quais descreveremos a partir de categorias pré-estabelecidas por Charaudeau (2019).

Nosso corpus é composto por trinta postagens do *Instagram* de Lancellotti, do primeiro semestre de 2022.³² Elas se referem a publicações compreendidas, especificamente, entre os meses de março e maio de 2022 e correspondem aos fatos descritos no quadro seguinte:

³² Inicialmente foram identificadas no período acima setenta e quatro publicações que se referiam, direta ou indiretamente, à Cracolândia. Esse total passou por uma segunda “filtragem”, considerando as postagens que obtiveram maior engajamento dentre as que se referiam a um mesmo acontecimento e cujo conteúdo era repetitivo.

21 de março	23 de março	11 de maio	12 de maio	13 de maio
É implementada a operação Caronte ³³ , que visava o combate ao tráfico ³⁴ .	Os dependentes químicos se disperaram pelo Centro da cidade. A maioria deles se concentrou na Praça Princesa Isabel .	A polícia realizou uma operação na Praça Princesa Isabel, causando a dispersão dos usuários por diversas áreas do Centro. ³⁵	Um morador em situação de rua foi baleado e morto durante uma operação da polícia na Cracolândia. Um policial foi identificado como autor do disparo.	Parte do grupo retornou para a rua Helvétia, enquanto outra parte permaneceu em pontos variáveis do Centro da cidade.

Quadro 1- Cronologia de operações na região da Cracolândia paulista- março a maio de 2022

Quanto à sua materialidade, essas publicações se compõem de textos (os quais identificamos como “legendas”) acompanhados de fotos ou vídeos, o que é uma característica típica dessa plataforma. Nesse trabalho, no entanto, focalizaremos apenas as mensagens escritas, uma vez que a descrição do estrato visual e filmico desse material demandaria um espaço muito maior, no qual pudéssemos nos debruçar sobre as particularidades associadas à análise da imagem. Algumas referências às fotos e vídeos serão, no entanto, necessárias para compreensão do contexto em que as legendas se inserem.

DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

A análise de um ato de linguagem envolve a compreensão de vários fatores. Assim, ao analisar as trinta publicações selecionadas, vamos considerar o dispositivo em que a interação se materializa e as respectivas restrições situacionais, quais sejam, a identidades dos parceiros envolvidos, tanto na instância de produção quanto na instância de recepção; o recorte temático predominante e as propostas defendidas. Também

³³ Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/brasil/2022/03/4995270-ordem-do-traffic-esvazia-cracolandia-e-usuarios-se-espalham-por-sao-paulo.html>. Acesso em 15 out. 2022

³⁴ Disponível em: <https://noticias.r7.com/sao-paulo/policia-civil-de-sp-faz-nova-operacao-contra-traffic-na-cracolandia-29062022>). Acesso em 17 out. 2022.

³⁵ Essa cronologia é descrita em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2022/06/02/usuarios-da-cracolandia-seguem-espalhados-pelo-centro-de-sp-governo-considera-dispersao-um-sucesso.ghtml>. Acesso em 15 out. 22.

abordaremos as restrições discursivas, identificando os procedimentos predominantes associados aos modos de organização do discurso, assim como as escolhas de natureza formal.

Nosso recorte coincide, como vimos, com um período que vai de março a maio de 2022 e se justifica por ter sido uma época de intensas operações organizadas pela Prefeitura e Secretaria de Segurança Pública da cidade de São Paulo. As três publicações de março referem-se ao deslocamento das pessoas que compõem a Cracolândia para outras regiões em função de uma dessas operações. Nas dezenove publicações do mês de abril predomina a denúncia de ações higienistas e opressão na aglomeração da praça Princesa Isabel. As demais publicações, do mês de maio, também denunciam ações truculentas contra pessoas da Cracolândia. Todas as publicações se compõem de imagem (foto ou vídeo) e legenda, sendo que 12 delas possuem aquilo que denominamos “legendas secundárias”, que são textos escritos que se sobrepõem às fotos ou narrações em áudio que acompanham os vídeos postados. As legendas secundárias em geral têm por função detalhar a informação que consta na legenda principal, acentuando o seu tom crítico. Um exemplo é o que ocorre na publicação 18, cuja legenda principal “Aporofobia” é acompanhada da legenda secundária: “Prefeitura de São Paulo. Gestão Aporofóbica.” Assim, o leitor que desconheça, a princípio, quem é o agente da aporofobia, vai saber que esse comportamento é atribuído à Prefeitura de São Paulo.

O dispositivo por meio do qual as interações se materializam é uma rede social: o *Instagram*. Júlio Lancellotti possui alto engajamento nessa rede além de uma recepção majoritariamente positiva através dos comentários, o que indica um forte “peso” de interação, nos termos de Recuero (2009). O alto nível de adesão a seu pensamento e compartilhamento das teses que ele defende correspondem ao comportamento esperado nesse ambiente, uma vez que se supõe que a maior parte dos seguidores de uma conta é composta de internautas que possuem alguma afinidade com o responsável por ela. Assim, o padre se torna um relevante agente disseminador de convicções e comportamentos.

Seguindo o que propõe Charaudeau, nossa análise leva em conta a compreensão do sujeito comunicante, ser social que pertence à instância de produção do ato de linguagem. No nosso caso, o sujeito comunicante é, como antecipamos, Júlio

Lancellotti, um padre vinculado à Paróquia de São Miguel Arcanjo, em São Paulo. Sua atuação se estende para além das missas: ele tem o olhar e a ação muito direcionados ao povo marginalizado, prestando diversos tipos de assistência. Nas redes sociais, assume o papel enunciativo de influenciador digital, procurando sensibilizar o público, obter doações e engajar a população nas causas por ele defendidas.

No caso das publicações em foco, Lancellotti usa o *Instagram* como um recurso a fim de disseminar o debate sobre a população de rua, apontando e denunciando a falta de amparo aos desabrigados e atitudes de aporofobia contra pessoas em situação de rua, além de dificuldades por parte das autoridades para lidar com essa realidade. Assim, por meio das redes sociais ele busca ampliar o alcance de suas denúncias e sensibilizar um público maior para essas questões que afetam especialmente os grandes centros urbanos. Na presente data, Lancellotti possui um milhão e quinhentos mil seguidores no *Instagram*, o que mostra que suas postagens possuem potencial para repercutir fortemente na sociedade. Seu público-alvo são cristãos progressistas solidários à sua causa, mas também as autoridades públicas (frequentemente “marcadas” em suas postagens), especificamente da cidade de São Paulo. Quanto ao público real, o chamado “sujeito interpretante” (CHARAUDEAU, 2019, p. 45), esse inclui todos os que leram suas publicações, inclusive aqueles que não gostam dele e/ou discordam de suas pautas.

Analisamos o componente verbal das publicações, o qual identificamos como legenda.

Partiremos para a descrição da organização discursiva das publicações, iniciando pela organização enunciativa. Destaca-se, nesse plano, o predomínio da modalidade delocutiva, em que os enunciados parecem ser desvinculados do locutor, o que cria um efeito de objetividade. Nesse tipo de enunciado, “o propósito existe em si, e se impõe aos interlocutores em seu modo de dizer [...]” (CHARAUDEAU, 2008, p. 100). São exemplos:

A guerra higienista da prefeitura continua hoje. (Post.7)³⁶

³⁶ Na transcrição das legendas, foi preservado o formato original da publicação, inclusive eventuais transgressões à norma culta.

Essa é a assistência social da prefeitura de São Paulo para as pessoas em situação de rua. (Post.5)

Nesses casos, o apagamento dos vestígios dos parceiros da comunicação das configurações linguísticas cria um efeito de objetividade, que não deve ser, ingenuamente, confundido com a expressão de uma verdade. O que ocorre é uma espécie de dissimulação de uma opinião. Nos exemplos acima, a escolha do sintagma “guerra higienista” para se referir às iniciativas implementadas pela prefeitura junto aos dependentes químicos da Cracolândia nada tem de objetiva, como veremos a seguir, ao tratar do modo descritivo. Sendo assim, admitimos que mesmo os enunciados delocutivos têm a função de denúncia.

O destinatário das postagens é, não só, o seguidor do padre nessa rede, mas autoridades, que são “marcadas”³⁷ na publicação. Entre essas autoridades estão: o prefeito Ricardo Nunes, alguns deputados estaduais, o Ministério Público e a Defensoria de São Paulo, o comando da Guarda Civil Metropolitana. Exemplos desse comportamento enunciativo encontram-se em:

Irmão em situação de rua morto na Cracolândia! Precisamos explicações. @prefeitoricardonunes @soninhafrancine_oficial @coronelsalles @carlosbezerrajr (Post. 21)

Operação rebanho levados de um lado para o outro a noite inteira. @coronelsalles @carlosbezerrajr @soninhafrancine_oficial @prefeitoricardonunes (Post. 22)

Essa estratégia se repete na maioria das publicações: o padre descreve uma situação, posiciona-se em relação a ela e a evidencia por meio de foto ou vídeo. Nesse contexto, as imagens se mostram como representações de situações que se mostram concretas e verificáveis, o que as aproxima do público que vai ter acesso às publicações.

Há também, em menor escala, a presença da modalidade alocutiva, em que ocorre um chamamento ao outro que pode levá-lo a alguma ação ou, minimamente, a

³⁷ “Marcar” alguém no *Instagram* é um importante recurso para aumentar o nível de visibilidade e interação das publicações. Consiste em digitar, na postagem, o nome do usuário ao qual pretende direcionar a publicação.

alguma reflexão sobre o tema. Nos textos que analisamos há a injunção, por meio da qual o locutor espera que o interlocutor se sinta afetado e reaja ao chamado. É o que ocorre em:

Atenção: urgente! Urgente! 2prefeitoricardonunes @carlosbezerrajr
(Post. 1)

O caráter de urgência pode ser compreendido quando se considera a imagem e a legenda secundária que se sobrepõe a ela. Trata-se de uma imagem ilustrativa de uma operação em que um policial aparece apontando arma para pessoas na rua, acompanhada da legenda: “Alerta de repressão na Cracolândia! Amanhã 16/03, se planeja uma megaoperação na região da Cracolândia. Prefeitura e Secretaria de Segurança pública” (Pub 1)

Essa estratégia se repete na maioria das publicações: o padre descreve uma situação, posiciona-se em relação a ela e a evidencia por meio de foto ou vídeo. Nesse contexto, as imagens se mostram como representações de situações que se mostram concretas e verificáveis, o que as aproxima do público que vai ter acesso às publicações.

Entre as ocorrências alocutivas, há também a interrogação, por meio da qual o locutor assume – ou pelo menos aparente – uma ignorância em relação àquilo que ele pergunta e pede ao interlocutor para dizer o que ele sabe a respeito. Como exemplos, temos:

O que houve? (Post. 2)

Quando será a execução em massa? (Post. 29)

Mais uma vez esses questionamentos são compreendidos a partir das informações expressas nas legendas secundárias: “O povo da Cracolândia sumiu. Kd o povo do Fluxo Prefeitura de São Paulo? A especulação imobiliária acima da vida.” (Post.1) Na imagem, vê-se a rua Helvétia, ponto de concentração dos usuários da Cracolândia, vazia. Já em Post. 29, a legenda secundária informa: “Nova operação da polícia na Cracolândia tem veículo blindado e atiradores de elite no centro de SP.” A presença de força militar armada descrita parece ser prenúncio de ações violentas que

podem culminar na morte de pessoas que se alojavam na região. Assim, a legenda secundária aponta para uma resposta possível ao questionamento apresentado.

Outro componente relevante a ser analisado no corpus é sua organização descritiva. Como as legendas possuem um formato predominantemente descritivo, a compreensão dos procedimentos de nomeação, qualificação e localização é fundamental. Antes de analisá-los, porém, é importante identificar os tipos e usos das legendas que encontramos nas publicações.

Identificamos, tanto entre as legendas principais quanto entre as secundárias, aquelas que têm um caráter ilustrativo e as que possuem um teor que identificamos como “crítico”. Independente do seu valor, ambas possuem um caráter de denúncia da situação na Cracolândia, uma vez que o simples fato de retratar a situação já favorece sua visibilidade entre os seguidores e as pessoas que são identificadas (“marcadas”) nas publicações.

As legendas ilustrativas se compõem de sintagmas nominais que têm como primeira função descrever a cena ou informar a localização espacial e temporal dos fatos representados nas imagens. Elas têm também a função de esclarecer imagens cujo conteúdo pode parecer, à primeira vista, ambíguo. São exemplos de legendas ilustrativas:

GCM querendo impedir de entregar almoço para os irmãos em situação de rua. (Post. 6)

Praça princesa Isabel hoje. (Post. 9)

Rua Helvécia agora!” (Post. 25)

Operação agora na Cracolândia (Post. 28)

Feridos na operação na praça princesa Isabel (Post. 24)

As legendas críticas predominam no corpus. Elas incluem nomeações e qualificações subjetivas, cujo conteúdo traz, explicitamente, um posicionamento do locutor a respeito da cena descrita. Seguem-se alguns exemplos:

Operação de guerra da prefeitura de São Paulo na praça Princesa Isabel. O que resta para os pobres em SP: repressão. Prefeitura regional higienista e truculenta da Sé. (Post.4)

A guerra higienista da prefeitura continua hoje. (Post.7)

A miséria humana! (Post.13)

Agora na praça princesa Isabel Após o massacre. (Post.16)

Operação rebanho levados de um lado para o outro a noite inteira.
(Post.22)

Nas publicações acima, o conteúdo crítico se revela pela forma como as operações são nomeadas e qualificadas (“operação rebanho”, “operação de guerra”, “massacre”, “mais pressão”, “crime organizado” e “a guerra higienista”), assim como pela identificação do público-alvo das operações (“pobres”, “povo da Cracolândia”, “irmãos em situação de rua”, “feridos”) e pelas qualificações atribuídas ao poder público (Prefeitura regional higienista e truculenta da Sé).

A organização narrativa não se mostra relevante nos dados analisados, o que nos leva a considerar, a partir de agora, a organização argumentativa das publicações.

Embora o formato dos textos analisados seja, como vimos, predominantemente descritivo, eles compõem uma encenação argumentativa, ou seja, se inscrevem num quadro de questionamento capaz de gerar um ato de persuasão. Essa encenação pode se materializar por meio de configurações diversas, que serão determinadas pelo contrato de fala que rege a relação entre os parceiros da comunicação. As postagens se materializam obedecendo as restrições formais, situacionais e discursivas do gênero em questão.

Assim, o locutor utiliza os procedimentos associados aos demais modos de organização para alcançar seu propósito em função da situação em que se insere e da imagem que constrói do seu destinatário. Destacam-se alguns procedimentos discursivos associados ao modo de organização descritivo, que contribuem para a promoção da proposta defendida. Também destacam-se os procedimentos semânticos, em especial, o domínio do ético. Esses procedimentos serão abordados na sequência.

Ao admitirmos uma dimensão argumentativa das postagens, assumimos que a proposta geral defendida pelo sujeito comunicante é a de que as ações implementadas pelas autoridades da cidade de São Paulo para lidar com a questão da Cracolândia são, não só ineficientes, mas também desumanas e que a população da Cracolândia é vítima

dessas ações. Para consolidar essa tese, são essenciais os procedimentos associados ao modo descritivo.

Quanto aos procedimentos discursivos, destaca-se a definição, que é, segundo Charaudeau (2019, p. 236), “uma atividade de linguagem que pertence à categoria da Qualificação” e consiste em descrever, com fins estratégicos, os traços semânticos de um ser ou comportamento, num dado contexto. Há nas publicações, como vimos, a descrição de um quadro de descaso e ações inadequadas, truculentas e – de acordo com o locutor – criminosas, por parte da prefeitura (“O que é crime organizado? É o crime com a participação de agentes do Estado”- Post. 3). Também há a caracterização das autoridades municipais como omissas ou malfeitoras (“Prefeitura omissa” – Post.19; “Prefeitura de São Paulo Gestão Aporofóbica”- Post.18; “Prefeitura regional higienista e truculenta da Sé”- Post.4), assim como das pessoas em situação de rua como vítimas (“A miséria humana”- Post.13). Há também uma caracterização do comportamento da prefeitura como recorrente, o que sugere uma incapacidade das autoridades de buscarem novas alternativas para solucionar velhos problemas. É o que vemos em: “Sempre do mesmo!” (Post.8) ou, em tom irônico: “Eles sempre agem dentro da lei!” (Post.11) e ainda: “Método educativo do governo de sp na Praça Princesa Isabel.” (Post. 17).

Os textos apresentam um retrato da situação, sem problematizar as causas pelas quais se teria chegado naquele estado. Tampouco há nas publicações – a despeito do comprometimento explícito do locutor – alternativas ou propostas explícitas de intervenção que possam ser úteis para minimizar a situação descrita. Contudo, pode-se extrair dos dados uma dedução baseada numa consequência implicativa, que levam à hipótese de que o método que vem sendo adotado pela prefeitura de São Paulo não se mostra eficiente para a solução da situação da Cracolândia. Sugere-se, portanto, de modo implícito, a necessidade de um tratamento humanizado para lidar com os dependentes químicos que se aglomeram na região.

Também identificamos o procedimento discursivo de questionamento, que, segundo Charaudeau (2019, p. 242), “(...) consiste em colocar em questão uma proposta cuja realização depende da resposta (real ou suposta) do interlocutor. A consequência típica desse procedimento é a incitação a fazer, por meio da qual se evidencia uma carência que deve ser preenchida pelo interlocutor, como em: “O que houve?” E, na

sequência: “O povo da Cracolândia sumiu. Kd o povo do Fluxo Prefeitura de São Paulo?” (Post. 2). Assim, pretende-se, aparentemente, provocar no sujeito interpretante um incômodo, uma inquietação que desperte nele alguma reação, mesmo que seja, simplesmente, por meio de uma “curtida”, compartilhamento ou comentário que possam aumentar o engajamento da publicação.

As publicações caracterizam-se, fortemente, por uma visada de informação (fazer-saber), associada a uma visada de incitação (fazer-fazer) que, nesse caso, estaria mais ligada ao engajamento do internauta, que promovesse as denúncias publicadas, causando comoção e repercussão midiática e social suficiente a ponto de pressionar as autoridades a rever seus posicionamentos. Em 7 publicações Júlio marca o *Instagram* da prefeitura, reforçando o tom de denúncia “@prefeitoricardonunes @carlosbezerrajr”, deixando evidente o alvo de suas críticas e o seu objetivo, que é gerar uma pressão para que essa postura mude.

Quanto aos procedimentos discursivos, predomina nos dados o domínio do ético, que define o comportamento humano em termos do que é bem ou mal, certo ou errado, a partir de uma moral externa ou interna (CHARAUDEU, 2019). Nas postagens, o locutor parece se guiar por regras de comportamento impostas ao indivíduo por leis externas que, aqui, referem-se ao que dita a Igreja Católica, por meio de vários documentos, entre os quais, a Bíblia, livro sagrado dos cristãos, e o Compêndio da Doutrina Social da Igreja.

POBRE X OPRESSOR: IMAGINÁRIOS SOCIODISCURSIVOS NAS POSTAGENS

No âmbito da Teoria Semiolinguística, todo discurso promove imaginários sociodiscursivos, que consistem numa representação da realidade que propõe “universos de pensamento e lugares de instituição de verdades” (CHARAUDEAU, 2017, p. 579), propondo uma visão dos fenômenos do mundo e dos comportamentos humanos construída por meio dos modos de organização do discurso e pautada em saberes de conhecimento ou de crenças.

Nas publicações do padre Júlio predominam os chamados saberes de crença. Para Charaudeau (2017), esses saberes se relacionam “[...] com as avaliações,

apreciações, julgamentos a respeito dos fenômenos, dos eventos e dos seres do mundo, seu pensamento e seu comportamento (CHARAUDEAU, 2017, p. 582). Trata-se, mais especificamente, daquilo que o autor identifica como “saberes de opinião”, por meio dos quais “o sujeito toma partido e se engaja em um julgamento a respeito dos fatos do mundo.” (CHARAUDEAU, 2017, p. 585).

Resultam não de um universo de referência absoluto, mas de julgamentos a respeito dos fatos que se pautam em diversas lógicas, tais como: do necessário, do provável, do possível, do verossímil, entre outras. Não se trata, porém, de uma avaliação estritamente pessoal da realidade, mas de um saber partilhado pelos grupos sociais aos quais o locutor está vinculado e às formações discursivas e ideológicas neles circulantes. Temos, nas publicações em foco, exemplo daquilo que Charaudeau identifica como opinião relativa. Para o autor:

A opinião relativa tem um aporte mais limitado, por emanar de um sujeito individual ou de um grupo restrito. Mas esse sujeito ou os membros do grupo sabem que esse julgamento é circunstancial, relativo ao grupo e à situação na qual ele é emitido. Isso porque, nesse caso, o sujeito falante precisa afirmar, frente a frente com essa opinião, seja sua adesão, seja sua oposição, uma vez que, como existem diversas, esta se presta obrigatoriamente à discussão. A opinião relativa se inscreve desde seu surgimento em um espaço de discussão, não no interior do grupo, mas frente a frente com outros grupos. Ela é, em seu fundamento, crítica. (CHARAUDEAU, 2017, p. 586)

Desta forma, a representação do poder público, de um lado, e das pessoas que permanecem na Cracolândia, de outro, é pautada pelo que prega a doutrina cristã católica, ao qual o locutor se vincula, e ao seu posicionamento político alinhado à esquerda progressista que mantém sintonia com os preceitos cristãos, no que diz respeito ao acolhimento aos pobres.

Identificamos, a partir dos dados, a construção de imaginários em torno das políticas públicas adotadas pela Prefeitura de São Paulo que poderiam ser sintetizados pelos adjetivos: higienista e aporofóbica. Também há o imaginário dos frequentadores da Cracolândia como pobres e vítimas.

Ao tratar do histórico das práticas higienistas no Brasil, Padilha et al (2017) afirmam que, diante das dificuldades em lidar com a presença de pessoas em situação de

rua e as consequências decorrentes dessa situação, muitas cidades adotam medidas que parecem visar meramente uma melhoria estética das cidades, mas que não atacam as verdadeiras causas dos problemas sociais que se manifestam nos centros urbanos. Para o autor:

As medidas de “embelezamento” da cidade desviam a atenção da população para a necessidade de demandas públicas, mostrando a deficiência de políticas sociais e negligência de serviços para atender as camadas sociais mais necessitadas, facilitando que emergjam discursos referentes à melhora da situação social baseadas apenas na melhora estética das cidades. (PADILHA et al., 2017, p. 4)

Nas publicações do padre essa atitude fica clara, não só quando ele usa explicitamente o adjetivo “higienista” para se referir à Prefeitura, mas também em outros momentos. Por exemplo, quando se descreve a iniciativa de se jogar água em espaços “para impossibilitar a permanência e o retorno ao local. Crueldade Refinada.”- Post.10. Fica claro ainda que as ações da prefeitura provocam apenas uma dispersão dos usuários de drogas para outras regiões da cidade (“Operação rebanho levados de um lado para o outro a noite inteira”- Post.22), sem que se promovam atitudes concretas para a recuperação e reintegração dessas pessoas à sociedade. Ao mesmo tempo, o locutor cria um imaginário dos usuários da Cracolândia como pobres e indigentes. Independente de sua origem social ou das possíveis causas que os levaram a vagarem pelas ruas da cidade de São Paulo – inclusive a dependência química – Lancellotti identifica o locutor como vítima das ações da prefeitura, a qual, como vimos, é representada como incompetente, repressora e desumana.

Ao representar os frequentadores da Cracolândia como pobres e sair em defesa deles, ao mesmo tempo denunciando o Estado como incompetente, opressor e violento, o locutor repercute os preceitos da formação ideológica cristã, especificamente católica, sintetizada em documentos da Igreja e na própria Bíblia e o Compêndio da Doutrina Social da Igreja Católica.

A Bíblia é uma obra que reúne textos religiosos considerados sagrados para o cristianismo, trazendo orientações não apenas de ordem espiritual, mas parâmetros de comportamento para aqueles que a seguem. Nesta obra, a proteção ao pobre é prescrita em inúmeras passagens. Em Bíblia Sagrada (1991), dentre as quais: “O justo atende à

causa dos fracos, mas o injusto não se importa com ela.” (Provérbios 29: 7); “Protejam o fraco e o órfão, façam justiça ao pobre e ao necessitado.” (Salmos 82:3); “Quem oprime o fraco ofende a Deus, mas quem se compadece do indigente honra o Criador.” (Provérbios 14:31); “Veja bem! Não faltam indigentes na terra. É por isso que eu ordeno a você: abra a mão em favor do seu irmão, do seu pobre e do seu indigente na terra onde você está.” (Deuteronômio 15:11). Nesses versículos, assim como em vários outros ao longo do texto bíblico, se impõe o cuidado ao pobre, ao indigente. Também se condenam atitudes de desprezo ou agressão ao pobre.

Em sintonia com essa visão, mencionamos também o Compêndio da Doutrina Social Cristã, que é um documento que sintetiza diversas orientações ao cristão. É um trabalho que vem se constituindo desde os primeiros anos do Cristianismo e das reflexões de Santo Agostinho e São Tomás de Aquino, tendo incorporado contribuições de papas, padres, teólogos e pensadores católicos ao longo dos séculos. Esse compêndio se pauta nos seguintes princípios: *i.* o princípio do bem comum; *ii.* o princípio da destinação universal dos bens; *iii.* o princípio da subsidiariedade; *iv.* o princípio da participação; *v.* o princípio da solidariedade; *vi.* os valores fundamentais da vida social; *vii.* a via da caridade. Ao longo do documento, abordam-se as questões da pobreza e da desigualdade social e a opção preferencial da igreja pelos pobres.

Esse documento apela, em vários momentos, por justiça social e reitera a necessidade de a sociedade como um todo priorizar a assistência ao pobre.

Transcrevemos, abaixo, um dos trechos em que essa orientação se apresenta:

A doutrina social comporta também um dever de denúncia, em presença do pecado: é o pecado de injustiça e de violência que de vários modos atravessa a sociedade e nela toma corpo [120]. Tal denúncia se faz juízo e defesa dos direitos ignorados e violados, especialmente dos direitos dos pobres, dos pequenos, dos fracos [121], e tanto mais se intensifica quanto mais as injustiças e as violências se estendem, envolvendo inteiras categorias de pessoas e amplas áreas geográficas do mundo, e dão lugar a questões sociais, ou seja, a opressões e desequilíbrios que conturbam as sociedades. Boa parte do ensinamento social da Igreja é solicitado e determinado pelas grandes questões sociais, de que quer ser resposta de justiça social. (PONTIFÍCIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ, 2004, p. 38. Grifos do autor.)

No trecho acima, qualificam-se as ações contra o direito dos pobres como injustiça e pecado, sendo, portanto, condenáveis, não só na perspectiva civil, mas também religiosa.

Vê-se, portanto, que, ao identificar os frequentadores da Cracolândia como pobres, ou como pessoas em situação de rua, o locutor relaciona a postura higienista à atitude de aporofobia em relação às pessoas que permanecem na região da Cracolândia. Sendo assim, a partir das postagens pode se depreender que essa tentativa de dispersão das pessoas da região da Cracolândia seria motivada pelo ódio aos pobres que, com sua presença, estariam sujando as ruas e desvalorizando a região. Essa visão se apresenta em: “O povo da Cracolândia sumiu. Kd o povo do Fluxo Prefeitura de São Paulo? A especulação imobiliária acima da vida.” -Post.22. Uma evidência dessa atitude é arquitetura hostil, que também é denunciada pelo padre, quando se refere à presença de grades instaladas na praça Princesa Isabel.³⁸

Como citado acima, é possível se associar a formação e manutenção da Cracolândia à pobreza e à falta de perspectivas de pessoas que buscaram um caminho para superar sua situação de vulnerabilidade e encontraram o abandono. Muitas pessoas, em vez de se sensibilizarem com a situação desses indivíduos, criam por elas um sentimento de rejeição. Esse sentimento está contemplado no conceito de aporofobia, que significa “rejeição, aversão, temor e desprezo ao pobre, ao desamparado que, ao menos aparentemente, não pode devolver nada de bom em troca”. (CORTINA, 2020, p. 20). Para a autora: a aporofobia representa “(...) o desprezo pelo pobre, o rechaço a quem não pode entregar nada em troca, ou, ao menos, parece não poder. E por isso é excluído de um mundo construído sobre o contrato político, econômico ou social desse mundo de dar e receber, no qual só podem entrar os que parecem ter algo de interessante para dar em retorno.” (CORTINA, 2020, p. 20-21)

Ao tratar da Cracolândia, Lancellotti promove uma identificação entre as pessoas que permanecem naquele local e os pobres em situação de rua, o que indica que ele atribui o comportamento das autoridades, especificamente da prefeitura de São Paulo, ao ódio ao pobre. Em momento algum, o padre se refere aos ocupantes da Cracolândia

³⁸ Em dezembro de 2022, foi promulgada a Lei 14.489, de 2022 (batizada como “Lei Padre Júlio Lancellotti”), que proíbe a chamada "arquitetura hostil", que emprega estruturas, equipamentos e materiais com o objetivo de afastar as pessoas de praças, viadutos, calçadas e jardins.

como dependentes químicos ou atribui a eles qualquer traço que os associe à marginalidade ou violência. Pelo contrário, eles são representados como vítimas de um sistema injusto e opressor, que não visa a promover sua reintegração à sociedade, mas, simplesmente, eliminá-los do centro da cidade. Essas postagens se inserem, portanto, num conjunto maior de publicações em que ele denuncia atitudes aporofóbicas, dentre elas a arquitetura hostil, divulgando imagens de construções pontiagudas perto de estabelecimentos e demais instalações em locais onde pessoas de situação de rua poderiam permanecer ou, simplesmente, dormir. Essas iniciativas visam a afastar essas pessoas para que não sejam vistas. Tais atitudes são concretizadas por meio de ações, tais como molhar ou colocar grades nos locais para impedir o retorno delas.

Como vimos, muitas pessoas que chegam à Cracolândia têm uma trajetória marcada pelo abandono do Estado e das famílias, e permanecem abandonadas quando as medidas se limitam a retirá-las do convívio e “espalhá-las” para outros pontos da cidade, em vez de proporcionar opções de tratamento e cuidado sensíveis à complexidade da situação.

Verifica-se, portanto, uma construção discursiva que propõe uma inversão de imagens dos dois principais personagens descritos nas postagens: o poder público e os dependentes químicos que permanecem na Cracolândia. Por um lado, o poder público, a quem cabe a defesa e proteção da população, é descrito nos dados analisados como “vilão”, malfeitor e até mesmo criminoso. Por outro lado, os frequentadores da Cracolândia, vistos por grande parte da população, como pessoas violentas, perigosas, marginais e criminosas, são descritas por Lancellotti como vítimas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo aborda os imaginários produzidos ao longo das postagens de Júlio Lancellotti no *Instagram*, bem como sinaliza o potencial de influência que elas podem ter no debate em torno da Cracolândia. Ao utilizar sua rede social para tratar esse tema, torna pública a situação ao mesmo tempo em que incita o interlocutor à ação. Tal informação é consolidada por meio de uma escrita predominantemente descritiva, que aponta e qualifica os frequentadores da Cracolândia, o comportamento das autoridades e as operações policiais.

Quanto aos imaginários produzidos pelo padre, eles se inserem numa encenação argumentativa, que visa a conscientizar o internauta sobre a violência estatal frente à situação da Cracolândia. Ao se referir ao poder público e às operações policiais, os termos mais evidentes são “Higienismo”, “Violência” e “Aporofobia”. São palavras que indicam a ineficiência desse método em lidar com a Cracolândia, ao evidenciar as operações como medidas de afastamento dos frequentadores, que não são eficazes no sentido de promover a resolução do problema. Ao mesmo tempo, as pessoas que permanecem na Cracolândia são identificadas como vítimas.

Utilizando-se da visibilidade proporcionada pelo *Instagram* e pelo alto nível de engajamento que possui nessa rede social, o padre denuncia a realidade da Cracolândia, deixando implícita a necessidade de uma abordagem mais humanista, por meio da assistência social e do amparo às pessoas em situação de vulnerabilidade, e não através da força bruta, como forma de intervenção capaz de minimizar o drama envolvendo a Cracolândia paulistana.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA SAGRADA. Edição Pastoral. Trad. e introd. STORNILOLO, I. e BALANCIN, E. M. São Paulo: Paulus, 1991.

BOURDIEU, P. O capital social – notas provisórias. In: CATANI, A.; NOGUEIRA, M. A. (org.) *Escritos de Educação*. Petrópolis: Vozes, 1998.

CHARAUDEAU, Patrick. *Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual*. In: Ida Lucia Machado e Renato de Mello. *Gêneros reflexões em análise do discurso*. Belo Horizonte, Nad/Fale-UFMG, 2004.

CHARAUDEAU, P. *Os estereótipos, muito bem. Os imaginários, ainda melhor*. Traduzido por A. L. Silva e R. M. Angrisano. *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 7, p. 571-591, jan./jun. 2017.

CHARAUDEAU, P. *Linguagem e discurso: modos de organização*. São Paulo: Contexto, 2019.

CORTINA, A. *Aporofobia, a aversão ao pobre: um desafio para a democracia*. | Adela Cortina; tradução de Daniel Fabre – São Paulo: Editora Contracorrente, 2020.

UNIAD - Unidade de Pesquisas em Álcool e Drogas. Estudo traça perfil de usuários e estima que Cracolândia movimentava, R\$10 milhões por mês. *UNIAD*, 2020. Disponível em: <<https://www.uniad.org.br/noticias/levantamentos-e-pesquisas/estudo-traca-perfil-de-usuarios-e-estima-que-cracolandia-movimentava-r10-milhoes-por-mes/>>

>. Acesso em: 02 de fev. de 2023

MADRUGA, C. S. Levantamento do Perfil de Usuários de Drogas na Região da Cracolândia. *Governo do Estado de São Paulo Desenvolvimento Social*, 2017. Disponível em:

<https://www.desenvolvimentosocial.sp.gov.br/a2sitebox/arquivos/documentos/1685.pdf>

>. Acesso em: 02 de fev. de 2023.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2001.

PADILHA, V.A.B., PADILHA, M.B. e ZANETTI, V. Eugenia e higienismo no Brasil: ideias antigas em práticas contemporâneas. *Anais do XXI Encontro Latino Americano de Iniciação Científica, XVII Encontro Latino Americano de Pós-Graduação e VII Encontro de Iniciação à Docência* – Universidade do Vale do Paraíba. 2017.

PIZA, M.V. *O fenômeno Instagram sob a perspectiva tecnológica*. [Monografia de Bacharelado em Ciências Sociais não publicado]. Universidade de Brasília. 2012

PONTIFÍCIO CONSELHO JUSTIÇA E PAZ (2004). «Compêndio da Doutrina Social da Igreja». Vaticano. Santa Sé. 2004. Disponível em: <https://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/justpeace/documents/rc_pc_justpeace_doc_20060526_compendio-dott-soc_po.html > Acesso em 29 out. 2022.

SANTOS, E. S. *Planos migratórios na Cracolândia de São Paulo na década de 1990*. R. Katál., Florianópolis, v. 21, n. 2, p. 336-344, maio/ago. 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-02592018v21n2p336>. Acesso em: 10 dez. 2022. <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2022/12/22/lei-padre-julio-lancellotti-que-proibe-arquitetura-hostil-e-promulgada>